

TEMPOS LIVRES: TEMPOS DE REVELAÇÃO

- *Porque surgem como preocupação nos nossos dias*
- *Sua integração na pedagogia da “educação permanente”*
- *Problemas que levanta o seu processamento*

Duma maneira geral sempre que as pessoas começam a falar em tempos livres, depois de se chegar à conclusão simples e imediata de que eles são aqueles tempos de que o homem está livre das obrigações mais directas que o ligam a problemas da sua subsistência ou das suas funções (mãe, pai, etc.), capaz portanto de dispor do seu tempo conforme lhe apeteça, cai-se no problema de saber se os tempos livres devem ser objecto de organização e programação, ou se pelo contrario devem ser “completamente” livres, isto é, ausentes de qualquer plano pré-estabelecido. Este diferendo acerca do modo como eles são vistos justifica-se plenamente e deve ser, parece-me um dos pontos capitais pelos quais devem ser apreciados.

Sabe-se que “os tempos livres” como preocupação ou como fenómeno social são uma realidade nova nos nossos dias. Antes, ou existiam de *per si* e pertenciam aqueles que não tinham de se sustentar pelo seu próprio trabalho, ou não tinham, pura e simplesmente, lugar na vida dos que, em virtude de determinadas circunstâncias, se tinham de realizar precisamente pelo trabalho. À medida que a história evoluiu, o trabalho tomou conta das actividades dos homens e surgiu na mentalidade deles como o único processo de realização humana, como o único meio capaz de justificar a vida. O trabalho dignificante, o trabalho como direito e não apenas como dever, o trabalho como promoção a uma vida melhor, a “um lugar” na sociedade, a uma maneira de fazer dinheiro, condição indispensável de independência, segurança e felicidade, tornou-se lentamente no objectivo máximo das actividades dos homens e no paradigma da sua realização, que é como quem diga, da sua felicidade. Paralelamente surgiu a necessidade do descanso, como direito a um retemperar de forças para se poder prosseguir com entusiasmo no dia seguinte no trabalho a cumprir, (o domingo, as 8 horas de trabalho, etc.). Ao mesmo tempo aparece a ideia da ocupação dos chamados “tempos de descanso” com o objectivo de distrair as pessoas da consciencialização das suas circunstâncias, responsabilização das

suas capacidades, etc. A organização das grandes competições desportivas, centros de interesse, projeção de filmes, etc, em que na maior parte das vezes as pessoas desempenhavam unicamente um papel passivo.

HOJE, em virtude de determinados factores o problema dos tempos livres põe-se de maneira diferente: ou porque as condições de trabalho sejam diferentes (redução dos horários, diminuição da “semana útil”) ou porque o conhecimento científico acerca do homem seja mais profundo e mais generalizado, os tempos livres começam a surgir na noção das pessoas como tempo tão importante como o chamado tempo ocupado ou de trabalho, sendo considerado como este, tempo de realização do homem, ou seja, tempo de revelação das suas capacidades de criação e não apenas como dantes, fase de “distração”.

Acontece que tal como o trabalho exige iniciação, aprendizagem, também os tempos livres devem ser objecto de ensino, embora de um modo completamente diferente. O homem é como se sabe, um ser que precisa de ser educado. Sem educação ele nunca entraria na posse da sua condição humana, nem a levaria a um progresso. Ser profundamente adaptável e rico de disponibilidade ou disponibilidades, perder-se-ia se não fosse iniciado lentamente no conhecimento de si próprio e do mundo. É esta “exploração” das capacidades de alguém que torna, como se sabe, comovente a tarefa da educação.

Dentro deste princípio, tal como o homem tem que ser iniciado no “trabalho” tem também de ser iniciado no viver os seus tempos livres de modo que eles sejam tempo em que o homem se vai revelando, tomando contacto com o que é e com o mundo que o rodeia.

O modo dos tempos livres se processarem é evidentemente difícil de se formular. No entanto, dentro dos dois aspectos que podem e devem necessariamente revestir – a espontaneidade e naturalidade da actividade – e a actividade organizada sob a forma ou a proposta de estímulos - há que ressaltar algo que me parece muito importante: devem ser olhados não no sentido limitativo da “distração” ou da “formação” do homem segundo um modelo determinado, obedecendo a objectivos rígidos ou partindo de princípios para sempre sistematizados, mas no sentido da libertação das forças criadoras que o homem tem dentro de si para a criação dum mundo sempre novo. No fundo, esta preocupação dos tempos livres como processo de descoberta do próprio homem, nova na nossa época, sintoma de progresso, está em consonância,

afinal, com a convicção de que cada homem é um ser eternamente jovem na medida em que em todos os momentos “se” descobre uma nova faceta e que, portanto, é um ser em “permanente educação”.

Neste nosso mundo de hoje, embrenhado na chamada sociedade de consumo que aliena o homem de si próprio, constantemente inserido no medo de perder o que tem e de querer cada vez mais “coisas”, o homem corre o risco de se perder, não usando aquela capacidade de se “ensimesmar”, de reformular dentro de si o que vai aprendendo ou descobrindo que é essencial para a sua vida.

A “presença” dos tempos livres na vida de hoje, vem dar ao homem que somos a possibilidade de alcançar o equilíbrio que a nossa personalidade precisa face à constante agitação em que nos encontramos e possibilitar o contínuo progresso no conhecimento de si próprio e dos outros.

MARIA TERESA PIMENTA